

## **PARA MUDAR A ESCOLA ou ASPECTOS DA ÉTICA**

Donizete Soares\*

Não adianta! Não mudaremos nada de importante na escola — absolutamente nada de verdadeiramente importante — se, antes, não mudarmos os valores que sustentam as nossas ações enquanto profissionais de educação.

Projetos, propostas, programas existem aos montes. Quase sempre bem feitos e de ótima aparência, são facilmente encontrados no mercado. Pode-se imitá-los ou copiá-los, fazendo pequenas correções aqui, algumas adaptações ali... Duas ou três pessoas, no máximo, fazem isso... e pronto!

Certamente, procedimentos assim atendem a uma necessidade imediata, a uma exigência burocrática, mas também não alteram absolutamente nada. O que precisamos, na verdade, é mudar os modos através dos quais olhamos e tratamos a escola.

Disponibilidade, compromisso, postura e ousadia são condições essenciais para tamanho empreendimento. Trata-se, pois, de algo bem mais sério do que ler e elaborar textos. Mudar é transformar, e mudar os próprios modos é transformar-se. Estamos, então, falando de algo comprometedor: de mudança de atitude e de postura, de uma ação que vai além de um ato intelectual-mecânico.

Para mudar, é preciso bem mais que uma bibliografia, e para transformar-se o que se requer é ousadia e coragem para optar. Nesse sentido, a luta mais difícil a se empreender num processo de mudança não é com a lei, com o governo, com a burocracia ou com as dificuldades que facilmente se multiplicam. O grande combate para qualquer mudança se dá, primeiramente, no interior de cada um: antes de tudo, é necessário fazer a opção pela mudança. Caso contrário, nada de verdadeiramente importante acontece ou pode acontecer...

---

\* Professor de filosofia e diretor do GENS – Serviços Educacionais

## DISPONIBILIDADE

A possibilidade de qualquer mudança passa pela necessidade e pela vontade de querer mudar. Só é possível projetar algo quando se percebe que o que existe precisa ser alterado ou quando se vislumbra o novo.

Querer e sonhar com o que se pode ser e, portanto, buscar atalhos, inventar caminhos e aventurar-se pelo desconhecido são ações próprias de quem está acordado, de quem simplesmente não se conforma com o fato das coisas serem como são porque alguém disse que é assim que elas devem ser. Sonhar e querer o novo, estar aberto para o que *ainda-não-é, mas-que-pode-vir-a-ser* exige sentimento e postura de autoria. Não é possível projetar algo sem projetar-se junto com ele.

Assim, qualquer alteração de comportamento e, conseqüentemente, qualquer mudança na escola e na sociedade implica, antes de tudo, "mudança de cabeça", alteração no modo de pensar e de ser diante de si mesmo, do outro e do mundo.

Não basta acompanhar o processo e aceitar as mudanças; é preciso atuar como sujeito dele e autor delas, questionando e questionando-se, alternando posições e olhando de outros ângulos, acatando decisões, submetendo-se à crítica... e interferindo sempre. Não adianta nada ficar gritando da arquibancada, e não decidir o jogo. De alguma forma, o que é preciso é participar das jogadas...

Todavia, para que isso aconteça é necessário ter consciência do processo de vida no qual se está inserido, porque ninguém vê a necessidade de mudar ou sonha com qualquer mudança se não tiver uma visão de mundo mais ampla. É fundamental ter acesso às informações sobre o mundo em que se vive; correr atrás delas, se for o caso. Do mesmo modo, é necessário conseguir interpretá-las, e ir além delas. Investigá-las.

Estar capacitado, portanto, é condição fundamental para o sucesso da empreitada de mudanças. Note bem: capacitação, como o próprio termo diz, é uma ação; é o mesmo que tornar-se capaz. Capacitar-se significa convencer-se. Não é algo de fora pra dentro, mas trabalho interior. Habilitar-se — outro sinônimo de capacitado — é estar convencido da importância de algo; é muito mais complexo do que ouvir discursos ou ler obras de especialistas; é bem mais do que esperar que alguém diga o que é que se tem de fazer.

Então, não é importante conhecer o que os outros pensaram e escreveram? Ao contrário, é exatamente isso que precisa ser feito. E muito... Mas é preciso ir além. O processo de capacitação é parecido com um edifício que se constrói diariamente e, mesmo quando está pronto, exige reparos, arranjos e re-arranjos e, não raro, há vezes em que são necessárias a sua implosão e imediata reconstrução.

O que é fundamental mesmo nesse processo de mudança é estar desperto e compromissado com o tempo em que se vive. É preciso saber de si, onde se está, com o que e com quem é possível contar quando se quer ir a algum lugar.

Para mudar a escola é urgente conhecer bem a sociedade da qual se faz parte. Não quer o novo quem não sabe onde está e o que tem. Só há desejo ou sonho de mudança quando se conhece o que se tem e não se conforma mais com ele.

A grande questão que se coloca, enfim, é: estamos dispostos ou não a encarar esse momento precioso de nossas vidas? Convém lembrar que o estar disponível decorre de uma decisão pessoal e intransferível, e tem como principal característica o fato de que quem se decide por algo não somente está consciente de sua opção como assume as conseqüências de sua escolha.

## **COMPROMISSO**

O maior problema da educação escolar não é burocrático — a não ser para quem faz questão de se esconder atrás da incrível quantidade de papel que sempre ocupa suas mesas e que visam, em última instância, a impedir e a inviabilizar o que efetivamente é importante na escola. Para muitos profissionais de educação, são esses papéis os responsáveis pelo tipo de olhar e tratamento que aplicam à escola...

Mas, será isso mesmo ou será porque eles são suficientemente incompetentes para promover uma gestão participativa, formar equipes e dividir com elas, não as responsabilidades, mas um certo poder do qual eles se acham detentores? Ou será porque preferem “deixar como está para ver como é que fica” e, então, responsabilizar toda e qualquer pessoa ou governo pelo seu próprio fracasso?

É possível que posturas como essas se sustentem numa confusão que muita gente faz com frequência, sobretudo quando falamos em educação escolar. (Mas não só. Pode-se dizer o mesmo com relação à saúde, à segurança e uma série de outros serviços.)

A confusão é a seguinte: ao atuar como profissional — professor, médico, policial entre outros — não parece claro, pra muitos deles, quem são os seus clientes. O prestador de serviços parece não saber quem são aqueles a quem ele dedica a aplicação do seu saber. Parece não perceber a importância e a extensão do seu trabalho, já que é alguém que foi reconhecido e é tratado como competente para exercer a profissão escolhida.

Afinal, para quem ele trabalha? A quem deve prestar contas pelo trabalho que desenvolve? Quem é o verdadeiro responsável por pagar o seu salário? Em especial, na escola, de quem é o conhecimento que o profissional de educação ensina aos alunos? A quem ele está servindo, quando adota esse ou aquele procedimento na sala de aula ou na administração da escola? Quais interesses fundamentam suas ações enquanto professor, coordenador, diretor, supervisor? Com quem, efetivamente, ele tem compromisso?

Isso mesmo! Compromisso — essa é a palavra-chave.

Além de obrigação, promessa, contrato, o termo tem a ver com empenho, risco, aventura. Comprometer-se com algo é assumir um lugar, é expor-se, é dizer de onde veio e a que veio; é contrair obrigações — tanto faz se esse algo é uma idéia, uma pessoa ou um grupo de pessoas. Compromissar-se é, efetivamente, envolver-se.

É justamente aí, e em particular na educação escolar — mas não só, como já foi dito —, que reside a confusão. O funcionário público, como o próprio nome diz, é alguém que presta serviço ao público, à coletividade. De alguma forma (passou em concurso, alguém o entrevistou ou o indicou...) seu nome foi aceito e aprovado e, portanto, oficialmente capacitado para atender o cidadão que paga imposto (muitos impostos, é sempre bom lembrar!) e garante o pagamento dos seus salários. O profissional da iniciativa privada, por sua vez, é contratado por uma empresa (no caso, a mantenedora da instituição educacional) para desenvolver atividades também destinadas à coletividade e recebe dela (da empresa) o que deve garantir a sua sobrevivência. Ambos prestam os mesmos serviços. A única diferença é quem paga

por eles: o governo ou o empresário. Nenhuma outra. Tanto a “matéria-prima” com a qual trabalham (o conhecimento acumulado da humanidade) quanto o “destino” de suas ações (os que recebem seus serviços) são exatamente os mesmos: os membros da sociedade da qual todos fazemos parte.

Entretanto, qual é o comportamento mais comum dos profissionais de educação, tanto da rede pública como da rede privada? (É evidente que não se pode generalizar; é estupidez afirmar que todos os homens são iguais ou que todos agem da mesma forma... O que se pode dizer — é sempre saudável que se diga — é o que se observa ou o que se consegue observar, a partir de um determinado ponto de vista.)

O fato é que, não raro, encontramos professores e outros profissionais da educação com os olhos, as atenções e as intenções, unicamente voltados para o que pensa e quer o governo ou o patrão (que palavra horrível!), não importando os interesses que representam ou para o que determina o temperamento e compromissos dos que dirigem a instituição. Toda a trama da existência profissional desses trabalhadores se circunscreve em espaços cujos limites são pré-determinados e apresentados como únicos e certos, devendo, portanto, ser respeitados e seguidos à risca.

Ora, que cada governo ou empresa mantenedora apresente uma política educacional de acordo com o seu programa e interesses, e queira vê-la implantada com sucesso, não constitui, a princípio, problema algum. Ao contrário, faz parte da lógica das relações que, conscientemente ou não, permitimos que se estabeleça na sociedade. É evidente que quem ocupa postos de comando se esforça por fazer valer as suas intenções e o que elas representam...

Quando é esse regime de relações que orienta e controla a nossa existência social e, em particular, a vida profissional de quem optou por trabalhar com a educação escolar, o espaço de atuação é tomado pelas tais confusões: os profissionais da educação, que teoricamente assumiram compromissos com a sociedade, já que o objeto com o qual operam (o conhecimento) a ela pertence, passam a trabalhar para o governo ou para esse ou aquele grupo e não mais para a coletividade.

Assim, ao perderem o foco de si mesmos, ao “esquecerem” seus compromissos, perdem também o alcance e a dimensão de suas ações. Ao atenderem interesses específicos, esquecem a coletividade — não obstante continuem a receber dela o

pagamento pelos serviços que prestam, não importando se a fonte pagadora é o governo ou a instituição mantenedora.

O problema, pelo que tudo indica, está no lado oposto ao que se apresenta, de alguma forma, articulado. Se o governo e/ou a iniciativa privada conseguem impor um determinado modo de pensar e agir, e o outro lado (o do funcionário público e/ou do profissional da empresa particular) não consegue se opor, exatamente porque não se articulou ou ainda não atingiu um nível desejável de organização, o que era uma confusão configura-se como postura política. Fica claro, muito embora nem sempre seja uma atitude consciente, de que lado o profissional está e quais interesses ele está defendendo.

Quando pensamos o que acontece com muitos profissionais que atuam na educação escolar, compreendemos que nosso maior problema não é burocrático e nem técnico. Aliás, o que não falta é especialista na escola ou qualquer outra instituição. Gente que conhece leis, resoluções, pareceres, indicações e uma infinidade de documentos pululam por secretarias de educação, centros regionais de ensino e unidades escolares. Elaboradores de projetos educacionais, então... nem se fala!; conhecem bibliografias nacionais e internacionais, e, com muita habilidade, produzem calhamaços e calhamaços de papel.

Em geral, as unidades escolares contam com apoio técnico de associações, sindicatos, instituições e assessores altamente capacitados e bem equipados. Há empresas, inclusive editoras, e autores especializados em produzir materiais pedagógicos de qualidade variada para serem utilizados com os alunos. Há escolas que destinam elogiáveis espaços físicos para que professores e alunos desenvolvam as mais diferentes atividades.

Todavia — já dissemos isso — não são esses os aspectos cruciais da educação escolar. A questão central com a qual temos que nos defrontar é de outra natureza: ela tem a ver com valores. O que nos interessa é o que, de verdade, move os profissionais de educação no seu dia-a-dia, com o que e com quem eles estão compromissados.

Enfim, o que efetivamente importa é colocar sob interrogação os sentidos atribuídos aos rumos que damos à nossa existência pessoal, profissional e social.

## POSTURA

Mexer no conjunto de valores que sustentam as ações de cada um tem a ver com o modo como se vê e se trata a vida e, sobretudo, a si mesmo. Que tipo de gente se quer ser? O que é verdadeiramente importante para mim? E para os outros? Que sociedade estamos construindo, e em que sentido as coisas que faço contribuem para a vida dos que virão depois de mim, sendo que muitos deles “passam pela minha mão”? Em que tipo de sociedade, afinal, queremos viver? E que tipo de gente está sendo formada, inclusive por mim, para viver nessa sociedade? Quero que meus alunos sejam capachos (servos, bajuladores) ou sujeitos, senhores de si mesmos?

Perguntas como essas são essenciais, quando se pensa a educação escolar. Elas tendem a ampliar a nossa visão sobre o que nos acontece à volta. Mais exatamente, elas nos colocam no chão e nos fazem ver a realidade. Sim, porque na medida em que se perde o foco de si mesmo, o indivíduo deixa de ver o que está a um palmo do seu nariz e fica imaginando coisas que, pelo menos no momento presente, são impossíveis ou extremamente difíceis de serem conseguidas.

Quando não se tem claro o que se quer para si e para o outro ou, ao menos, não se encontra nesse processo de autoconhecimento, a consequência é inevitável: Deus e o mundo são culpados pela própria incompetência e fragilidade... No mundo da escola, a reação tende a ser mais ou menos da seguinte forma: “os alunos — ora, os alunos! — quanto mais longe tanto melhor; que se diga o mesmo a propósito da direção, dos colegas, da secretaria da educação, dos pais... quero é sossego e, evidentemente, o pouco salário — miserável, na verdade! — depositado na minha conta bancária...”

O tipo de postura que se tem diante do outro revela o tipo de valores que a pessoa elegeu para si mesma.

Ora, o olhar e o tratamento dispensados à escola exigem que cada um perceba que tem tudo a ver com a casa do vizinho quando está pegando fogo. Não dá pra ficar tranquilo, curtindo música e comendo pipoca, quando o telhado da casa ao lado está sendo consumido pelas chamas! O problema dele é meu também, e apagar as labaredas da casa dele significa impedir que elas avancem sobre a minha.

Pensar e agir dessa maneira é olhar e tratar coletivamente situações que, mesmo não sendo provocadas por mais de uma pessoa, dizem respeito a todos. Afinal, vivemos juntos, muito perto uns dos outros e, por essa mesma razão, estamos todos sujeitos a

criar problemas e sofrer com as conseqüências deles. Do mesmo modo, estamos aptos para achar saídas que podem beneficiar a todos, ou deixar que alguém tome a dianteira e decida por nós.

Em sociedade, as decisões são sempre coletivas. O dia-a-dia de nossa existência social decorre e depende de cada uma das decisões que tomamos, sejam elas conscientes ou não. Quer participando ativamente das formas de organização social ou à espera de que algo aconteça, ou ainda comodamente “em cima do muro”, as conseqüências das decisões tomadas atingem a todos. Não é à toa que os menos beneficiados sejam quase sempre aqueles que não participam efetivamente dos processos decisórios...

É que nada do que acontece na vida em sociedade está desvinculado. O tecido social é um conjunto entrelaçado de fios, e cada um de nós, cada grupo social, compõe, faz parte desse conjunto. Permitir ou não que o tecido social seja rasgado e rompido os seus fios depende do quanto cada indivíduo ou grupo está comprometido com o seu meio.

Nesse sentido, podemos dizer que a sociedade em que vivemos, assim como os grupos nos quais estamos inseridos ou as instituições que sustentamos enquanto participantes delas, são exatamente do jeito que queremos ou conseguimos fazer com que sejam. Eles têm a nossa cara e expressam o que somos. Na realidade, explicitam o que internamente acontece conosco.

A nossa existência social expõe a nossa capacidade de entrelaçamento, isto é, de organização, de participação e interesse conosco mesmos e com os outros.

Sendo assim, a escola, enquanto espaço habitado por nós, é exatamente aquilo que queremos ou conseguimos fazer dela. Definitivamente, não dá para responsabilizar esse ou aquele pelo fracasso ou sucesso quer da escola como um todo, quer dos profissionais que a utilizam para prestar os seus serviços. A escola foi, é e será exatamente aquilo que os que a habitam fazem dela.

Quanto menos os profissionais da educação estiverem cientes das amarrações das quais eles fazem parte, tanto mais os buracos no tecido social se alargarão. O contrário também é verdadeiro. Quanto mais nos envolvermos na confecção e na elaboração do texto escolar mais influiremos nas decisões que, em sociedade, teremos sempre que tomar. O contrário, novamente, também é verdadeiro.

O modo como olhamos e tratamos a escola, portanto, é sempre político. Dependendo da postura dos que a habitam, ela é um espaço de constituição de sujeitos ou leito sobre o qual os capachos são estendidos.

## **OUSADIA**

A história nos tem mostrado que é possível fazer o que bem se entende na escola. Esse lugar habitado por pessoas que agem com fins políticos sempre serviu, e ainda serve, como um espaço importante de atuação de grupos socialmente organizados e, conseqüentemente, controladores das ações de quem o frequenta. O que interessa a eles, evidentemente, é que as relações que se dão no tecido social sejam pautadas pelos valores que, para eles, são os mais importantes.

Ora, é perfeitamente compreensível o tipo de escola que uma sociedade como a nossa mantém: perfil autoritário, arquitetura que se assemelha ao presídio, administração incrivelmente burocrática, regras e leis rígidas que impedem iniciativas criativas, e profissionais — boa parte deles — muito pouco interessados e engajados na construção de uma sociedade que vislumbre um futuro diferente do que esse que, de modo consciente ou não, contribuímos para que permaneça.

É perfeitamente compreensível, também, que esse perfil da escola não seja facilmente alterado. Há séculos, estamos acostumados a receber um mundo pronto e acabado. Os que vieram antes de nós estavam certos de que “a vida é mesmo assim” e que “nada acontece que não seja a vontade de Deus”, que “cada um nasceu para cumprir uma missão” etc.

Nossas idéias foram moldadas antes mesmo de nascermos; foram transmitidas por nossos pais, por nossos professores, por pessoas que, desde sempre, entendemos serem aquelas que mais gostam de nós e querem o nosso bem...

Claro! Não se trata de condená-los! É possível que eles entendessem, na melhor das hipóteses, que estavam fazendo o que havia de correto para os seus rebentos...

O problema está em que muitos, por medo ou incapacidade, ou até por comodidade, acabam por aceitá-las assim mesmo. Introjetam tão bem determinados valores que, reproduzindo os que vieram antes de nós, concordam, sem nenhuma dificuldade, que o mundo do passado continue a se repetir hoje. Muitos de nós temos dificuldade — aí sim, e muita! — em aceitar o novo, o diferente, o possível.

Em princípio, não há problema algum no fato de que os grupos organizados imponham seu modo de pensar e agir, e o elejam como “os melhores”. De certa forma, eles estão “certos” em fazer o que fazem e como fazem. Afinal, o fato de se organizarem e assim se apresentarem à sociedade, demonstrando que são capazes de defender seus interesses, lhes garantem, sem dúvida, alguns ou muitos benefícios.

É evidente que não se trata aqui — e nem em outro lugar — de justificar qualquer ato que lembre a forma autoritária infelizmente tão comum e largamente praticada em nosso meio. O que se pretende é estabelecer as diferenças entre um grupo social que se articula, ainda que minimamente, e outros grupos menos ou nada organizados.

Parece claro, aqui também, que o problema maior não está em quem domina o espaço político — em geral um número de pessoas bem pequeno se comparado ao número dos que compõem a sociedade — , mas naqueles que, por várias razões, ainda não conseguiram — talvez por medo, incapacidade ou comodidade — organizar-se e alterar a situação.

Há um dado que se repete em muitas escolas hoje em dia, e que ilustra bem a dificuldade que grupos não organizados têm quando se relacionam com ela... e então a picham, a depredam e a destroem: é incrível a semelhança entre muitos prédios escolares e as prisões!

A disposição das salas lembra as celas. Corredores e pátios chegam a ser exatamente iguais. Em cada sala (ou cela), dezenas e dezenas de pessoas ali são colocadas por alguém que não as conhece, tendo que obrigatoriamente conviver durante horas, meses e anos com outras pessoas que elas também não escolheram.

Há momentos definidos para comer, ficar quieto, responder na hora certa, fazer provas, exercícios, trabalhos... de preferência, em silêncio. Em geral, se sentam uma atrás da outra, e o que mais têm que fazer é aprender a ouvir e obedecer. Há casos — e, infelizmente, não são nada raros — em que, por desobediência ao professor ou por bagunça, as aulas de educação física nas quadras, ou fora da sala de aula, são suspensas. Isto é: os alunos são impedidos até de tomar a luz do sol; são castigados pelo confinamento...

Ora, não poderíamos esperar outra reação dos alunos do que as que estamos acostumados a ver e a sentir. O quanto eles são “mal educados” tem a ver somente com a displicência dos pais ou com a desintegração da família? Serão os meios de comunicação, em especial os programas de TV, os responsáveis por esse jeito de ser

dos alunos de hoje em dia? O que pensam e como agem, em especial no que se refere ao espaço escolar, não tem nada a ver com o pensamento e as ações dos que atuam profissionalmente nela?

Qual aluno já não ouviu, ao menos uma vez na vida, que a sua sala é a pior de todas? Quantos professores não se cansam de repetir que não suportam mais os seus alunos? Quantos coordenadores, diretores e supervisores não se orgulham do fato de terem controle sobre os seus subordinados? Quantos diretores não ficam envaidecidos porque conseguiram “colocar ordem” na escola, isto é, mandaram, entre outras coisas, fixar grades por todas as portas e janelas?!

Que nome dar a atitudes como essas? Que tipo de comportamento esperar dos alunos, dentro e fora da escola, se as vias que ligam esse espaço de aprendizagem e a sociedade estão, a cada dia, mais e mais fechados com ferros e cadeados? Que prática política está sendo exercitada diariamente na escola, tanto dos profissionais como dos alunos e na relação entre ambos? Como influir na construção da cidadania dos alunos se os profissionais da educação não estão interiormente mobilizados e socialmente organizados?

Na escola, tal como na sociedade, e vice-versa, as relações entre os que as compõem tendem a se repetir e a se perpetuar. O que acontece na escola não é somente a reprodução do que acontece na sociedade, mas também ensaio e aperfeiçoamento das ações realizadas fora da escola.

Dependendo do modo como os responsáveis por ela a administram, e também do modo como os que a freqüentam se relacionam com os administradores, temos uma escola que apenas reproduz o que os grupos organizados querem fazer dela ou, ao contrário, uma escola que prima pelo desenvolvimento do aspecto crítico e, portanto, politicamente participativo.

Por tudo isso, é preciso muito mais do que boa vontade para mudar o quadro horroroso sobre o qual desenhamos as nossas ações diariamente. Disponibilidade, compromisso, postura, envolvimento, desejo e sonho de uma nova realidade não passarão de belas palavras se não as vincularmos com a ousadia. Sonhar é fácil, mas mudar a realidade dá trabalho e exige, necessariamente, coragem e determinação. Caso contrário, não há porque e nem de que reclamar...

Ser ousado é o mesmo que ser corajoso, arrojado, destemido — e isso não tem absolutamente nada a ver com euforia, atitude inconseqüente ou coisa que o valha...

Ousadia e todos os seus sinônimos são características básicas de quem tem consciência dos seus limites e de suas possibilidades, de quem sabe e vive à procura de si mesmo, de quem respeita os outros — aliás, tem um profundo respeito pelo outro...

Quem é ousado não “carrega ninguém nas costas”, mas caminha junto com o outro. Não oferece o ombro, mas assume a retaguarda a fim de protegê-lo, se for o caso. Ser corajoso e arrojado não é, necessariamente, colocar a própria vida e a vida dos outros em perigo, mas, em muitos casos, recuar diante de situações adversas. Capacidade para avaliar as condições objetivas do momento presente e ser prudente nas ações — há características mais significativas do que essas para a ousadia?